

LEONARDO BOFF

APRESENTAÇÃO DE DANIEL MUNDURUKU

O
CASAMENTO
ENTRE
O CÉU E A TERRA

CONTOS DOS
POVOS INDÍGENAS
DO BRASIL

ILUSTRAÇÕES DE DANIELA RAMOS

 Planeta

LEONARDO BOFF



O
CASAMENTO
ENTRE
O CÉU E A TERRA

CONTOS DOS
POVOS INDÍGENAS
DO BRASIL

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO DA OBRIGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Leonardo Boff, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Roberta Pantoja
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Vanessa Almeida
Capa, projeto gráfico e diagramação: Fabio Oliveira
Ilustrações de miolo: Daniela Ramos (danirampe)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Boff, Leonardo

O casamento entre o céu e a terra: contos dos povos indígenas do Brasil / Leonardo Boff. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
240 p. : il., color.

Bibliografia

ISBN 978-65-5535-793-6

1. Contos indígenas brasileiros 2. Índios da América do Sul – Brasil I. Título

22-2871

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos indígenas brasileiros

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

REPRODUÇÃO NÃO AUTORIZADA. DIVULGAÇÃO, VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

Apresentação – Estórias para rir, chorar e aprender (por Leonardo Boff).....	6
Prefácio – Os indígenas têm sabedoria (por Leonardo Boff).....	8
Onde mora a magia? (por Daniel Munduruku).....	10

PRIMEIRA PARTE

Contos indígenas	15
1. Nascemos para brilhar: Tainá.....	17
2. Por que no céu há tantas estrelas?	23
3. A mandioca, o corpo de Mandi.....	29
4. E os animais voltaram à Terra	33
5. As diferenças na unidade sagrada da vida	39
6. A longa espera do amor.....	45
7. O canto da flauta mágica: o uirapuru.....	49
8. O amor e o perdão tudo alcançam.....	53
9. A árvore da vitalidade: o guaraná.....	63
10. A reconquista do dia.....	67
11. Tantos pássaros, tantas vozes.....	71
12. E o Sol voltou a brilhar para todos.....	81
13. Um impossível amor: as Cataratas do Iguaçu.....	89
14. O atormentado caminho para o céu.....	95
15. O fascínio irresistível da mulher: Yara.....	101
16. Jurupari, o redentor das gentes.....	105
17. Aceitar a morte para ser livre.....	111
18. Somos filhos da madeira: o kuarup.....	117
19. A conquista do fogo.....	123
20. A vitória-régia: a bela Iapuna.....	127
21. O maior dom do espírito: a liberdade.....	131
22. Mais vale a esperteza que a força bruta.....	137
23. Ñamandu, o Deus-todo-escuta.....	147
24. Por que cores diferentes nos peixes?.....	153
25. Mais vale a inteligência que a beleza.....	159

26. A mulher que virou beija-flor	165
27. A Terra da Cocanha.....	169
28. O cuidado dos grandes pelos pequenos.....	177
29. Cobra Norato, a força benfazeja da natureza	181
30. O amor trágico de Jaira.....	187
Bibliografia	192

SEGUNDA PARTE

A contribuição dos indígenas ao Brasil e à globalização	195
I. Os indígenas: os testemunhos da Mãe Terra	196
1. Lista dos povos indígenas	196
2. As áreas culturais indígenas	206
3. As línguas indígenas.....	206
4. Razões para defender as culturas indígenas.....	208
5. A destruição das Índias brasileiras	210
6. As organizações indígenas e de apoio à causa indígena.....	211
II. Dívida do Brasil e da humanidade para com os povos indígenas	219
1. A sobrevivência nos trópicos	219
2. A presença indígena no sangue brasileiro.....	220
3. A presença indígena na língua e na geografia brasileiras	220
4. A presença indígena no cotidiano da casa	221
5. A presença indígena na culinária e na medicina brasileira e mundial.....	222
6. A presença indígena no imaginário popular.....	227
III. O legado humanístico dos povos indígenas	230
1. Sabedoria ancestral	230
2. A integração sinfônica com a natureza.....	231
3. Atitude de veneração e de respeito.....	233
4. A liberdade: a essência da vida indígena	234
5. A autoridade: o poder com generosidade.....	235
Bibliografia essencial	238



Planeta

PRIMEIRA PARTE

CONTOS INDÍGENAS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

1

NASCEMOS PARA BRILHAR: TAINÁ

O céu profundo, com suas estrelas rutilantes, sempre exerceu fascínio sobre o espírito humano. Deitada entre o céu estrelado e a fina areia da praia do rio Araguaia, no Brasil Central, cada pessoa humana estremece e se enche de encantamento. Vêm-nos instintivamente à memória cósmica reminiscências ancestrais de quando estávamos todos juntos no coração das grandes estrelas vermelhas. Pois lá se encontra o nosso berço e lá se formaram todos os tijolinhos que compuseram, quando de sua explosão, há bilhões de anos, as galáxias, as estrelas, o Sol, a Lua, a Terra e cada um de nós. Porque nascemos das estrelas, existimos para brilhar e irradiar.

Iameru, bela jovem Karajá, era cheia de graça e de magia, embora insegura em seus sentimentos. À tardinha, à margem do Araguaia, gostava de contemplar Tainá-Can, a estrela-d'alva, que bruxuleava, por primeira, no firmamento. Estranhamente, tomou-se de paixão por ela.

Não aguentando mais a dor de amor, dirigiu-se ao pajé para que invocasse ardentemente os espíritos da comunidade a fazerem descer a estrela Tainá em forma humana. Prometeu até se casar prontamente com a estrela, caso fosse atendida em sua súplica.

Com efeito, no dia seguinte, numa noite de luar, um raio iluminou um canto da praia. Tainá-Can descera à Terra. E veio calmamente caminhando na direção de Iameru. Sua aparência era de um velho encurvado, cansado de dias e anos e cheio de rugas.

Iameru, ao vê-lo, encheu-se de decepção e de espanto.

— Como pode uma estrela tão brilhante aparecer numa forma tão miserável? — imediatamente o repudiou. — Velho feio e enrugado, vá embora. Como pretende me tocar, ainda tão jovem e bela? — disse-lhe gritando. E, erguendo ainda mais a voz, ordenou irritada: — Suma daqui e não me apareça mais.

Tainá-Can, estrela rutilante do céu, assumira a forma de um velho repugnante para testar o amor de Iameru e colocar à prova sua ardente paixão. Decepcionou-se com o fogo de palha do sentimento da jovem Karajá e entristeceu-se com os maus-tratos. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Estava pensando em regressar ao céu, quando lhe veio em socorro a irmã de Iameru, a jovem Denaquê, que de longe tudo acompanhara. Não era bela de rosto nem de forma, mas tinha qualidades que faltavam à fútil Iameru: bondade, amorosidade, gentileza, compaixão e especial capacidade de cuidado.

Aproximou-se do velhinho Tainá-Can, enxugou-lhe as lágrimas e pediu-lhe desculpas pela rudeza da irmã.

— Se não se importar, vou cuidar do senhor. E, se gostar de mim, posso até ser sua esposa — disse ela.

O rosto de Tainá-Can se transfigurou. Agradecido, beijou suavemente a testa de Denaquê e respondeu com voz decidida:

— Vou ser um bom marido para você. Agora mesmo vou cultivar a terra para que nada lhe falte e tenha sempre muita comida em seu jirau.

Denaquê não entendeu a palavra “cultivar”, pois até então os Karajá somente comiam peixes e caça. Não cultivavam a mandioca, o milho e o ananás, atualmente seu prato principal.

Denaquê nem teve tempo de pedir explicações, pois o bom velhinho, exultante de alegria, foi à roça fazer o cultivo do milho, da mandioca, do ananás e de tantas coisas boas para os Karajá.

Todos na aldeia se perguntavam quem seria aquele velhinho todo enrugado, mas respeitavam o amor de Denaquê e admiravam sua assiduidade no trabalho.

Certo dia, Tainá-Can não regressou na hora costumeira, e Denaquê, como mulher amorosa, teve um pressentimento:

— Alguma coisa dever ter acontecido ao bom velhinho. Vou procurá-lo na roça.

E, ao chegar lá, encheu-se de estupor. Viu um jovem guerreiro, todo iluminado, com o corpo pintado dos mais belos desenhos. Reconheceu ser Tainá-Can revestido do esplendor da estrela-d’álva.

Seu espanto cresceu ainda mais ao ver aos seus pés plantas desconhecidas.

— É milho e mandioca para alimentar a você e a todos de sua comunidade — disse ele, fazendo um gesto largo com as mãos.

E se abraçaram amorosa e longamente. Contentes, voltaram abraçados para a maloca. A notícia se espalhou por toda a floresta e todos participaram daquela nova felicidade.

Iameru, ao ver Tainá-Can tão belo e a irmã tão feliz, se encheu de ressentimento e de inveja. Recriminava a si mesma por não ter sabido ver por detrás dos traços

rudes do velhinho o esplendor da estrela-d'alva, de Tainá-Can, por quem antes se apaixonara ardentemente. Desesperada, desapareceu na floresta.

Soube-se depois que Tupã a havia transformado no pássaro urutau. Até hoje, em noites de luar, quando a estrela d'alva Tainá-Can mais brilha, emite sons estridentes e tristes, lamentando haver perdido um amor tão cobiçado.

Depois de ter vivido feliz com Denaquê por muitos e muitos anos, e ensinado aos Karajá a cultivar o milho, a mandioca e tantas coisas saborosas, Tainá-Can voltou ao céu para continuar a bilhar eternamente. E junto levou sua amada Denaquê. Por isso, como companheira inseparável, também brilha no céu, sempre junto da estrela-d'alva, também uma estrela singela e de brilho esmaecido. É a Denaquê, a adorável esposa de Tainá-Can.



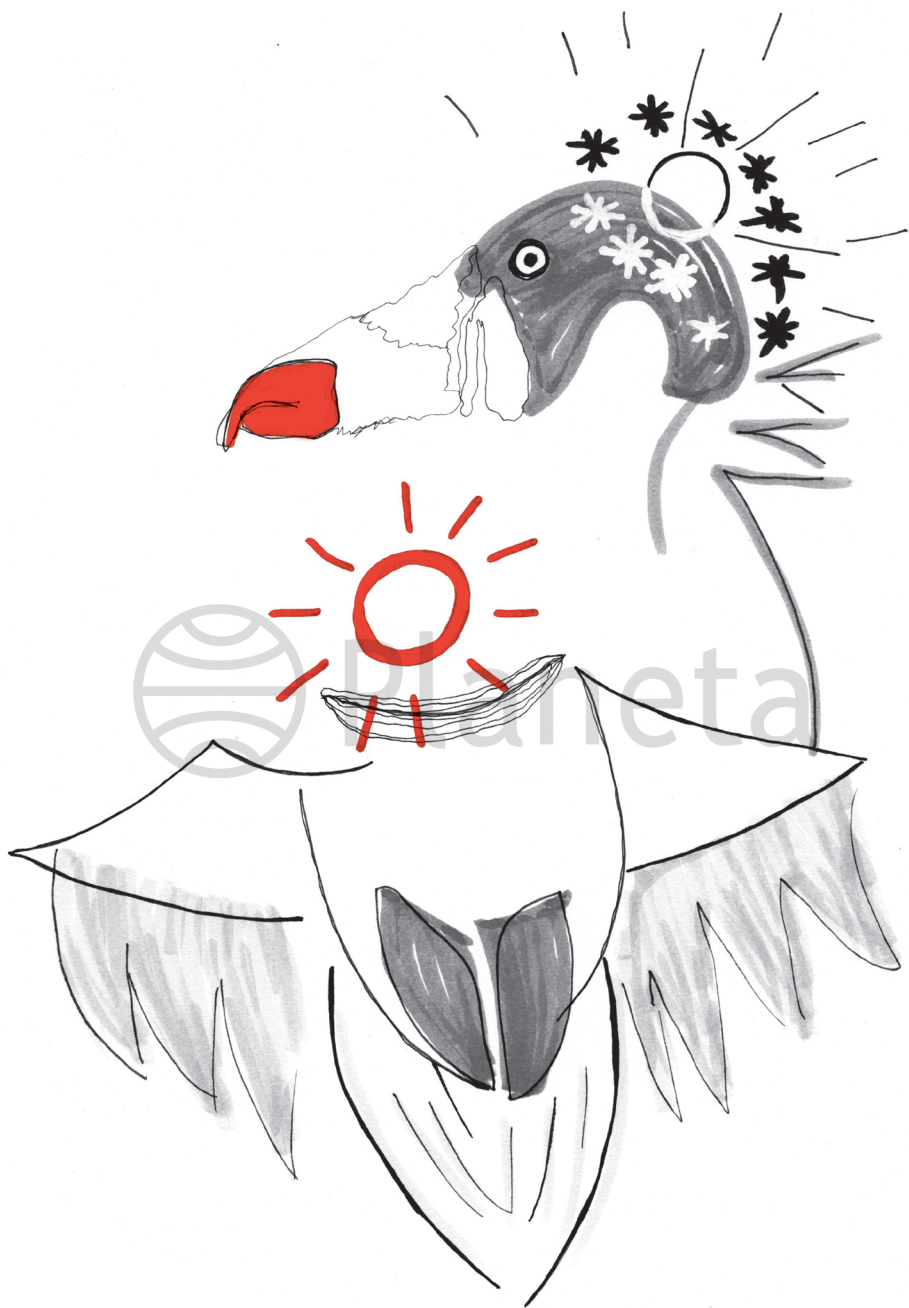
Planeta



Planeta



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA